

**DANIELA MOMOZAKI  
MADALICE ALVES JORGE**

**ELOGIO À BIBLIOTECA:  
CONVERSAS DE DUAS BIBLIOTECÁRIAS SOBRE O ÓBVIO**

**CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO  
O LIVRO PARA A INFÂNCIA: TEXTOS, IMAGENS E MATERIALIDADES  
A CASA TOMBADA**

**SÃO PAULO  
2018**

**DANIELA MOMOZAKI  
MADALICE ALVES JORGE**

**ELOGIO À BIBLIOTECA:  
CONVERSAS DE DUAS BIBLIOTECÁRIAS SOBRE O ÓBVIO**

Ensaio de conclusão do curso de especialização em Literatura para a infância, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

**SÃO PAULO  
2018**

## **Agradecimentos**

Agradecemos A Casa Tombada pela acolhida e por nos ajudar a criar um tempo para reflexão.

À Cristiane Rogerio, nossa coordenadora. Ao Giuliano, nosso orientador. Nossos sinceros agradecimentos por desafiar nossos limites.

Aos nossos queridos leitores, Ana Paula e Beto Silva, por nos acompanhar em mais uma etapa.

À Laura, pela revisão carinhosa.

Aos nossos companheiros, Adalberto e Tiago, pela paciência.

À vida, por nos unir.

## **Elogio à biblioteca: conversas de duas bibliotecárias sobre o óbvio**

**Resumo:** *este ensaio tem como objetivo apresentar, por meio das experiências pessoais e profissionais, reflexões acerca de algumas áreas de atuação do bibliotecário: da seleção do acervo a mediação destes livros, especialmente para o livro para a infância.*

**Palavras chave:** *mediação, acervo, livro para infância, bibliodiversidade, políticas públicas.*

**Title:** *Praise to the library: your librarians talk about the obvious*

**Abstract:** *this paper aims to present, through personal and professional experiences, reflections on some areas of the librarian activities: from selection of the collection to the mediation of these books, especially for book for childhood.*

**Keywords:** *mediation, collection, book for childhood, bibliodiversity, public policies.*

## SUMÁRIO

Introdução	
1. SOBRE OS ACERVOS E MEDIAÇÃO.....	8
1.1 Transformando o acervo, mediando leitura e promovendo encontros: relatos de experiência de Daniela Momozaki. ....	10
2. BIBLIOTECAS E SEUS ESTEREÓTIPOS .....	12
2.1 Revolucionando com livros e demarcando espaços de leitura como leitora e bibliotecária: relato de experiências de Daniela Momozaki .....	13
3. SELECIONANDO LIVROS .....	15
3.1 Tiro ao alvo: relato de experiência de Madalice Alves Jorge .....	18
4. GARANTINDO POSSIBILIDADES: políticas públicas .....	19
Considerações finais.....	21

## Introdução

*“Afonso achou a ideia que estava havia muito tempo procurando por aí:*

*-Mas qual é a ideia, Afonso?*

*-Vou sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém.” (Bojunga, 2003:105)*

Afonso viu que o pensamento costurado de Terrível poderia ter causado sua morte se a linha forte que segurava o pensamento delecom muito esforço, não tivesse estourado e libertado os seus pensamentos. Afonso só não queria ver o pensamento de mais ninguém costurado!

Então estamos aqui fazendo força como a linha forte para descosturar nossos pensamentos, abrir caminhos para ideias. A partir de agora o leitor acompanhará as considerações e reflexões de duas bibliotecárias a respeito de mediação e construção de acervo, sob a ótica de que uma atividade não pode estar desconectada da outra. Discorreremos sobre as diversas formas de uso da biblioteca e do acervo, da seleção dos livros e da bibliodiversidade. Tentamos identificar os perfis de quem usa e de quem trabalha em bibliotecas, como funciona este relacionamento dentro deste espaço que por muito tempo foi restrito e muitas vezes sacralizado, mas que hoje tem a função de ampliar o conhecimento, a produção de arte e a cultura.

Nesse momento de encerramento do curso de pós-graduação *O livro para a infância: textos, imagens e materialidades*, oferecido pela A Casa Tombada, passamos por grandes transformações que nos fizeram refletir sobre tudo o que foi construído e absorvido nos encontros proporcionados pelas aulas, nos motivando a colocar o que foi dito, discutido e visto em contato com nossas práticas profissionais e experiências pessoais como leitoras e usuárias de bibliotecas. Assim, das conversas que já nos acompanham há tempos, dois trabalhos viraram um.

Dessa forma, esse ensaio se concretizou pelas afinidades pessoais e profissionais das autoras, pois trabalhamos no mesmo período na prefeitura de São Paulo e depois seguimos para o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SescSP). Assim, os questionamentos e as dúvidas que permeavam uma, também ressoavam na outra. As impressões, conversas, apontamentos e tudo o mais que vinha com a proximidade soavam como questões já estabelecidas, muito faladas e entendidas. Ao aprofundarmos as reflexões de nossas experiências (principalmente na elaboração deste trabalho), o que nos parecia senso comum

mostrou-se não ser indiscutivelmente comum. E ao mesmo tempo, quando olhamos para nossas experiências quando colocadas em seus devidos contextos, se tornavam 'únicas', pois só foram possíveis naquele contexto histórico.

## 1. SOBRE OS ACERVOS E MEDIAÇÃO

*“Até onde sabemos, somos a única espécie para a qual o mundo pode parecer feito de histórias. Biologicamente desenvolvidos para ter consciência de nossa existência, tratamos nossas identidades percebidas e a identidade do mundo à nossa volta como se elas demandassem uma decifração letrada, como se tudo no universo estivesse representado num código que temos a obrigação de aprender e compreender.” (Manguel, 2017: 13)*

A humanidade lê o mundo de várias formas, mas qual a forma mais recorrente?

O desenvolvimento da fala proporciona a leitura do mundo de maneira coletiva, por meio de conversas que resultam em narrativas orais que propiciam afinidades, questionamentos, discussões, conhecimento. Dessa maneira é natural que se criem espaços onde ocorram esses encontros, onde haja conforto pela afinidade e pela possibilidade de conexão.

A biblioteca é feita de encontros. O leitor e seu livro. Do apaixonado pelos livros a alguém que não sabe o que ler, ou que ainda não sabe ler. A voz e o silêncio. Poesia e prosa. Texto e imagem. Esses encontros podem ser espontâneos, mas em um mundo com cada vez mais informações instantâneas, as fontes silenciosas, às vezes, precisam de auxílio para chegar ao seu consulente. Nada melhor que um (ou vários) mediador (es) para estimular esse encontro, que deve ocorrer em um espaço físico bem pensado, aconchegante e convidativo, tendo um acervo cuidadosamente elaborado junto com uma equipe que acolha e promova essa união.

De acordo com Michelle Petit

*“... muitos homens e mulheres jamais ousaram se aproximar dos livros. Acreditam que neles existe um mundo que não lhes pertence. No entanto, o desejo de pensar, a curiosidade, a exigência poética ou a necessidade de relatos não são privilégios de nenhum grupo social. Cada um de nós tem direitos culturais: direito de se apropriar de bens culturais que contribuem, em todas as idades da vida, à construção ou à descoberta de si mesmo, à abertura para o outro, ao exercício da fantasia, sem a qual não há pensamento, à elaboração do espírito crítico”.* (Petit, 2013: 23)

Pensando que essa condição de distanciamento do leitor e do livro existe de fato, entendemos que as mediações são fundamentais para essa aproximação, seja pela leitura em si, por uma indicação de leitura ou por uma boa recepção. O que faz uma pessoa se debruçar

sobre as estantes em busca de determinado livro? O que estimula sua curiosidade por esses objetos disponíveis na estante?

Nossa experiência mostra que o interesse é despertado por uma comunicação afetiva: o mediador apresenta ao leitor em potencial livros que possam interessá-lo, falar sobre eles, ler trechos se necessário, conversar sobre e assim, despertar o interesse para o objeto livro. Claro que temos um público que aprecia desvendar tudo o que está nas estantes, mas mesmo esses conseguem ser seduzidos por uma boa mediação. A voz encanta, cria laços que talvez o livro por si só não conseguisse alcançar em um primeiro momento. Ler em voz alta promove a auto conexão e a conexão com o ouvinte pois a “ (...) a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos”. (Petit, 2013: 31), tornando a leitura uma experiência transformadora e coletiva.

A biblioteca é um ambiente de livre acesso e por isso, recebe pessoas com diversos níveis de relação com o objeto livro. Quando se cresce em um ambiente sem estímulo à leitura ou sem livros existe uma dificuldade maior para haver a conexão com esse objeto. Daí a necessidade de multiplicar as possibilidades de mediação. Claro que não se deve ter a ilusão de que todas as pessoas serão adeptas da leitura, mas ainda assim a experiência com um livro deve ser estimulada, mesmo que seja apenas como uma interação sensorial.

A prática de mediação de leitura incentiva o uso do acervo, mas também pode e deve orientar a seleção do mesmo, para que este seja construído a partir das necessidades do público, mas que também seja diverso em seus temas e também representativo da comunidade e da sociedade a que pertence. É importante que a comunidade se veja representada nesse acervo para criar uma identidade com esse espaço. Não basta apenas disponibilizar, mas apresentar temas que propiciem a mediação. Caso contrário, o ato de ler se torna desprovido de sentidos, apenas decodificação de códigos.

Espera-se que as bibliotecas não disponibilizem apenas livros, mas que sejam atuantes em criar relações afetivas entre o livro e o leitor, afinal “(...) o afeto e a disponibilidade para transmitir a linguagem e suas histórias às crianças é mais determinante na criação do hábito da leitura do que as condições socioeconômicas (...)” (Sintoni, 2017: 19).

É claro que uma boa relação com o público não se constrói de maneira automática, já que, em tempos de posicionamentos tão polarizados, ouvir o outro é um exercício importante para atrair pessoas para a leitura e o pensamento crítico. Estar disposto a ouvir o leitor é o primeiro passo para chegar até ele pois “(...) graças a mediações sutis, calorosas e discretas,

em vários momentos do percurso deles, a leitura entrou na experiência de cada um (...)” (Petit, 2009: 48).

Criar pontes entre o livro e o leitor, entre a cultura oral e seus ouvintes passa a ser função da biblioteca, dialogando efetivamente com duas das cinco leis criadas pelo professor de biblioteconomia e de matemática indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, que viveu na Inglaterra e na Índia entre os séculos XIX e XX e que definiu os preceitos da biblioteconomia que vigoram até hoje: para cada leitor o seu livro, para cada livro o seu leitor. É claro que encontros entre pessoas e livros acontecem em diversos locais, espaços e até virtualmente, mas a função da biblioteca é de garantir acesso universal e irrestrito, tanto em quantidade quanto em diversidade de assuntos que deve dispor e mediar junto aos cidadãos.

### **1.1 Transformando o acervo, mediando leitura e promovendo encontros: relatos de experiência de Daniela Momozaki.**

As minhas experiências profissionais foram bem diversificadas. Entretanto, de todos os locais que passei, me identifiquei com as escolas e centros culturais. Passei por três escolas e um Centro de Educação Unificado (CEU): uma técnica, uma de educação religiosa, outra com proposta pedagógica dialógica e a última com enfoque na educação pública. Em todas elas aprendi muito sobre o ‘fazer bibliotecário’.

Atuar na biblioteca de uma escola privada com um projeto pedagógico muito bem pensado e com espaço físico e arquitetônico adequados a experimentações e trocas interpessoais e com a natureza mostram que nem sempre a infraestrutura se basta para que o uso automático da biblioteca aconteça.

No Colégio Friburgo, a biblioteca era uma bela casa com grandes janelas, uma porta de vidro gigantesca que era mantida aberta e acessível durante todo o período escolar. No entanto, nenhuma criança entrava nela de maneira espontânea. Na hora do intervalo, era estranho vê-las brincando na frente da biblioteca, espiando de rabo de olho pela janela. Passei a convidá-las. Pedi que entrassem e podiam até comer e beber na biblioteca, mas arrumávamos juntos as mesas no final. Aos poucos o medo de entrar foi sumindo e com o tempo descobri que no passado outros profissionais haviam adotado uma conduta diferente, afastando-as do espaço.

Na verdade, nada de extraordinário foi feito, só me disponibilizei de maneira empática, apresentando a biblioteca como um espaço acessível e acolhedor. Essa

predisposição faz com que o encontro ocorra. O papel do bibliotecário é justamente esse, o de facilitador de encontros.

Depois desse primeiro contato, a biblioteca começou a ser pensada junto com as crianças. Algumas alterações no espaço infantil foram realizadas com a autorização da coordenação pedagógica e da direção da escola, todos os livros ficaram em caixas na altura das crianças para que elas pudessem escolher os livros pelas capas. O sistema de classificação, tanto os assuntos e as imagens que as representavam foram pensadas em conjunto com as crianças e elas se sentiram representadas em todo o contexto.

Já com os adolescentes o processo aconteceu de maneira diferente. Muitos professores demonstraram interesse em dar aulas na biblioteca, e assim foi feito. Os materiais eram separados previamente de acordo com as aulas, ou os professores eram orientados a pesquisar na biblioteca com antecedência. Nos dias das aulas tudo fluía de uma forma caótica e organizada ao mesmo tempo. Em pouco tempo, recebi o convite da coordenação pedagógica para ser a referência do Projeto Mudando a História, desenvolvido na escola em parceria com a Fundação Abrinq, para a formação de jovens mediadores e o desenvolvimento das mediações de leitura no ambiente escolar e em outros ambientes.

Assim como as crianças, os jovens eram protagonistas dos encontros, das seleções de livros, das mediações em si. Minha função era apresentar novas publicações, provocá-los a refletir de maneira crítica sobre as escolhas dos livros, formas de organizar os projetos e relatórios sobre as atividades de mediação.

Esse relato exemplifica que a mediação ocorre de várias formas: do acolhimento ao estabelecimento de um diálogo com o público; pensar em projetos ou desenvolver propostas que seu público se conecte com o espaço e com o bibliotecário. A biblioteca quer e precisa de pessoas. Uma biblioteca vazia ou com poucos frequentadores não é legal – isso quer dizer que menos pessoas podem ter acesso gratuito a variedade de livros que não é possível em livrarias, por exemplo. Assim como as bibliotecas, o papel do bibliotecário também tem se modificado com o passar do tempo, não somos e não podemos ser mais guardiões do ‘saber’, pois de uma forma ou de outra, as informações estão mais disponíveis graças a internet, mesmo sabendo que o seu acesso ainda é um privilégio. Nossa atuação profissional comprova que bibliotecários a frente de bibliotecas de uso público devem atuar primordialmente como mediadores, pois tal função nutre e sustenta o desenvolvimento de coleções, a catalogação e as atividades culturais e sociais de uma biblioteca.

## 2. BIBLIOTECAS E SEUS ESTEREÓTIPOS

Sempre vista como um labirinto a ser desbravado, as bibliotecas causam arrepios e aguçam a imaginação de muitas pessoas. Como em *O nome da Rosa*, os livros representam o desconhecido, caminho para libertação ou para a morte. Mas será que as bibliotecas permanecem dessa forma? Assim como as pessoas, as instituições também evoluem. Crenças, teorias, tudo é revisto com o tempo (ainda bem) e dessa forma tudo muda.

O senso comum acredita que bibliotecas são todas iguais, todas guardam montes e montes de livros. Será que é só isso mesmo? Bibliotecas possuem missões e públicos diferenciados, e um bom exemplo é a Biblioteca Nacional (BN). Localizada no Rio de Janeiro, a BN tem como intuito a salvaguarda da memória documental do país. Nela haverá determinadas limitações que não são encontradas em uma biblioteca municipal da cidade de São Paulo, por exemplo. Focamos neste ensaio as bibliotecas escolares, públicas ou privadas de uso público. O que elas têm em comum?

O bibliotecário Matthew Battles compara o uso da biblioteca universitária ao mar, pois o acervo se movimenta como o fluxo das marés: todos os semestres uma onda de estudantes carrega todos os livros, que retornam no semestre seguinte (Battles, 2003). Essa metáfora também pode ser aplicada às bibliotecas de acesso público: quando olhamos o movimento dos livros no acervo, ora com as estantes vazias, não porque faltam livros, mas porque estão emprestados – ora com as estantes cheias, mas de maneira diária, com fluxos mais ou menos intensos, sabemos que esse movimento poderia ser mais intenso e vivo.

Apesar de saber que muitas pessoas utilizam a biblioteca, sabemos que historicamente não há apropriação das bibliotecas pela população. Esse detalhe não nos passou despercebido e no meio de nossas conversas surgiu a questão: por que as pessoas se afastaram das bibliotecas? Será que alguma vez elas já estiveram lá?

De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura, no ano de 2015, 19% dos entrevistados utilizaram a biblioteca como local para leitura, ficando como terceiro local de preferências dos leitores (somente atrás de suas casas – 81% e escola 25%). Esse tema claramente precisa ser aprofundado, com uma análise mais detalhada do que apenas observar números. Com base em nossa experiência, é possível perceber que as pessoas têm o imaginário de que as bibliotecas são locais sagrados e destinadas apenas aos ‘escolhidos’, aos ‘estudados’... Isso pode ser comprovado pela história das bibliotecas e a relação que tivemos com a biblioteca no Brasil, voltada para atendimentos de pesquisas escolares – contexto esse que será detalhado a seguir, traçando um paralelo com as experiências pessoais.

## **2.1 Revolucionando com livros e demarcando espaços de leitura como leitora e bibliotecária: relato de experiências de Daniela Momozaki**

Minhas memórias como leitora e usuária de biblioteca começam na escola estadual, quando a sala de leitura finalmente abriu suas portas para os alunos. Consegui emprestar livro apenas uma vez porque recebi bronca por atrasar o transporte escolar. De qualquer forma a sala de leitura não se manteve aberta por muito tempo.

Voltei a frequentar a biblioteca por volta dos 12 anos, uma biblioteca municipal que ficava a poucas quadras da escola. Sempre gostei do espaço e o frequentei muito para fazer trabalhos escolares. Apesar de ser um local agradável, não era muito simples estar lá. Começava com o péssimo atendimento do guarda-volumes. Depois a explicação dada rapidamente sobre como procurar os livros nos fichários. E para finalizar, a exigência do silêncio absoluto quando estávamos fazendo trabalho em grupo. Hoje, como bibliotecária, entendo que muitas pessoas se afastaram ou nunca entraram nessa biblioteca por todas essas dificuldades. Apenas os mais destemidos conseguiam vencer tantas barreiras e medos para estar neste espaço ‘estranho’, afinal, ninguém volta a um lugar onde é tratado mal.

Apesar disso tudo, tive momentos de muito prazer nessa mesma biblioteca. Minha irmã mais velha me levou para assistir uma peça baseada no livro Sagarana. Foi nesse momento que me apaixonei pelo Guimarães Rosa. Foi naquele momento que muita coisa despertou na cabeça confusa da adolescente que eu era.

Já na faculdade, descobri o poder dos encontros nas mesas do Centro Cultural São Paulo. Quando precisei fazer um trabalho sobre a biblioteca, fui bem recebida na biblioteca e todas as vezes que precisei de orientação encontrei profissionais queridos que me ajudaram a desvendar aquele ‘labirinto’ e enfrentar o Minotauro.

Talvez eu tenha sido feliz demais nas minhas experiências com a biblioteca. Talvez não me assustasse tanto porque minha casa sempre foi repleta de livros, comprados pela minha tia nos sebos, emprestados e devorados pela minha mãe e pela minha irmã mais velha. Talvez seja por isso que esse ambiente não me intimidava tanto, ou talvez eu fosse só teimosa mesmo e quis garantir usar um espaço que sabia (inconscientemente) que me pertencia também. Não sei ao certo, mas de uma coisa eu tenho certeza: são poucos os que se aventuram assim. E sei que só agi dessa forma porque tive condições para isso, e sei que a maior parte das pessoas não tem, pois precisam trabalhar no horário que a biblioteca está

aberta ou por simplesmente não acharem que podem se apropriar desse espaço ou não se sentirem atraídos por uma biblioteca.

Ao escrever esse relato percebi o quanto minha experiência acompanhou a história das bibliotecas municipais de São Paulo. Retomei a história da biblioteca que frequentei e descobri que ela foi a segunda biblioteca circulante a ser instalada na cidade, porque o bairro do Ipiranga era uma região com muitas instituições de ensino. Esse fato deve ser destacado porque as bibliotecas públicas acabaram assumindo o caráter de biblioteca escolar, já que as escolas não possuíam suas próprias bibliotecas. Não que os estudantes não pudessem frequentar as bibliotecas públicas – eles devem, mas ter quase que exclusivamente esse público, acabou deturpando a função da biblioteca pública.

Em 2005, com a reforma das bibliotecas públicas, a então Biblioteca Municipal Ministro Genésio de Almeida Moura passa a ser chamada Biblioteca Roberto Santos, especializada em Cinema. Ela reabre para seu público em 2008 e pouco tempo depois, retorneie fiquei encantada com o que encontrei: do atendimento inicial ao empréstimo de livros, tudo foi acolhedor. Havia estudantes no espaço, mas também era perceptível um público variado. Isso é um bom exemplo de que a biblioteca não pode se perder na sua função, e que o perfil dos profissionais a frente das bibliotecas se modificou com o tempo.

Apesar das formações ainda não terem muitas disciplinas (isso quando existem) focadas na mediação de leitura, percebemos que há um interesse dos profissionais por essa questão – visto a quantidade de ações e experiências trocadas entre nossos colegas de profissão.

Durante minha trajetória profissional pude perceber a dificuldade enfrentada por bibliotecários em serem reconhecidos como mediadores de leitura, tendo suas ações reconhecidas, divulgadas e ampliadas. Sua atuação nessa área é, de maneira geral, intrínseca à sua rotina de trabalho, no seu comprometimento com a prestação de serviços acessíveis, tanto que o seu impacto fica praticamente imperceptível fora do espaço físico da biblioteca; esses profissionais não percebem a força motriz que exercem como animadores culturais para as práticas literárias. Assim, cria-se uma espécie de capa de invisibilidade sobre suas ações, que muitas vezes, são aceitas e reconhecidas quando apresentadas por profissionais de outras áreas, com a da pedagogia ou do teatro, por exemplo.

Claro que essa situação ocorre por diversos motivos, dentre eles, o pouco incentivo oferecido nas universidades públicas na área de biblioteconomia e mediação de leitura, afastando bibliotecários interessados em se aprofundar nesse assunto, pois poucos têm

condições de abrir mão de seus empregos para se dedicar às pesquisas que poderiam contribuir com reflexões e transformações mais profundas de suas práticas.

### 3. SELECIONANDO LIVROS

É difícil estabelecer uma hierarquia – inclusive considerando que talvez ela não exista – e apontar qual fase do processo de mediação é mais importante ou qual vem em primeiro lugar. Mas é possível determinar que a ação da mediação passa pela escolha do livro que se pretende mediar.

Durante as aulas do curso de pós-graduação do Livro para a infância – curso de especialização oferecido pela A Casa Tombada, na qual as autoras cursaram pelo período de 2015 - 2018 e apresentam este ensaio para a conclusão do curso –, por diversas vezes foi colocada em questão as muitas etapas que separam o leitor final (a criança ou o adolescente) do livro em si. Entre o livro para a infância e o seu destinatário estão uma série de curadorias, que não a do próprio leitor.

Quando se trata dos acervos das bibliotecas, essas etapas intermediárias existem independentemente do público ao qual o livro se destinará. Porém, o caminho que separa o livro para infância dos seus leitores é ainda maior quando comparado ao acesso que um jovem ou adulto tem aos livros que lhes interessam. Além dos crivos para chegar as estantes, a escolha dependerá também, no mínimo, do crivo dos responsáveis pela criança (ou da presença do responsável para efetuar o cadastro, para acompanhar a biblioteca, o tempo que permanecerá nela, entre outros).

O bibliotecário tem em seu escopo profissional a seleção de acervo, independente dos tipos de materiais: a importância está na relevância do conteúdo. Vergueiro coloca que “(...) os bibliotecários têm algo a dizer no que se refere à seleção de materiais para as bibliotecas (...)”. O autor destaca dois pontos para essa premissa: o bibliotecário conhece, ou deveria conhecer, o acervo sob sua responsabilidade; o bibliotecário conhece, ou deveria conhecer, o usuário cujas necessidades informacionais tem por obrigação procurar atender. (Vergueiro, 2010: 06-07).

O processo de escolha de coleções sempre esteve presente na história do livro e da biblioteca. Segundo Weitzel “(...) não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões próprias da natureza desse processo, tais como: o quê, o porquê, o para quê, o como e o para quem coleccionar” (Weitzel, 2012:180).

Porém, desenvolver coleções vai além de selecionar e adquirir obras: é um processo contínuo e ininterrupto “formado pelas seguintes etapas ou fases: estudo da comunidade (perfil da comunidade), políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação” (Weitzel, 2012: 180 apud Vergueiro, 1989; Evans, 2000). Assim a seleção compõe uma das etapas de um processo global de planejamento.

Os critérios para seleção precisam ser mais objetivos possíveis, colaborando na identificação de demandas a partir do estudo da comunidade a que se destina o acervo. Daqui são retirados os subsídios que ajudarão a construir um acervo diverso que dê conta do que é solicitado (ou parte) e, paralelamente, seja um espaço de descobertas. Ainda hoje fica a pergunta: como abrir caminhos para incluir nas rotinas da biblioteca o estudo real dos públicos, os que frequentam e os que possuem potencial para frequentarem? Nesse sentido se faz necessário o planejamento e uso de ferramentas de pesquisa que possam identificá-los, e como isso (infelizmente) nem sempre é possível, a mediação de leitura focada pode e deve auxiliar nesse processo.

Mesmo sem o embasamento desejável de conhecimento da comunidade para atender às demandas específicas e expandir de forma direcionada seu acervo, a biblioteca é o espaço no qual pode-se oferecer experiências (espaço, acervo e afetos) para além do que o mercado cultural já dá visibilidade e garante a circulação.

Marina Colasanti (2012) relata sua experiência ao visitar uma livraria do aeroporto e se sentir frustrada pois, mesmo em meio a uma quantidade expressiva de lançamentos, o que agradaria seu gosto literário não estava disponível entre os muitos títulos de mais vendidos daquela loja.

O pensamento democrático da autora a impediu de classificar tal situação como crime cultural, pois, apesar do acervo disponível não a atrair, se existem tantos livros no mercado e pessoas interessadas neles, é delas direito acessá-los.

Qual lugar poderia oferecer acesso irrestrito aos vários tipos de publicações (mercadorias) que hoje temos disponíveis para compra e aos que normalmente não temos conhecimento?

Se o acesso a variedades é restrito na maior parte dos estabelecimentos comerciais, então talvez a biblioteca poderia ser este local, o da bibliodiversidade, onde as variantes que Colasanti gostaria que fossem consideradas pelo mercado pudessem ser realidade. A angústia na formação do acervo mora exatamente nesta questão: como viabilizar este cenário?

Considerar alguns pontos que impactam diretamente nas decisões para escolha do acervo e precisam ser constantemente reforçados, revisados e analisados podem ajudar a

alcançar a universalidade de assuntos dentro de uma biblioteca. Um deles é a atenção ao contexto sociocultural no qual está inserido o público da biblioteca ao qual o acervo se destinará.

Outro ponto importante é considerar que a definição do que se entende por um bom livro é fruto de uma construção histórico social, como apontado por Galvão (2014), pois “livro bom é aquele que nos toca, que conversa com a gente, que permite que a gente queira conversar com o outro. É uma tarefa de muita responsabilidade e que necessita de diálogo e mediação. Em tempos de excesso de informação, a curadoria é fundamental!” (Silva, 2017).

Reside aqui o cuidado que o responsável pela seleção dos livros deve ter, pois é necessário refletir sobre o que se entende por um bom livro, já que existe uma linha tênue que divide a preocupação com a formação e manutenção de um acervo diverso de ‘qualidade’ com o desejo de controle do que as pessoas deveriam ler.

Maria José Nobrega, em conversa no encerramento do curso do Livro para infância, disse: “A gente muitas vezes como adulto fica antecipando coisas que não são divertidas, que não são interessantes, que não são colocadas ali como uma questão do leitor, como uma pergunta do leitor, que essa é genuína”. Nesse caso há que se considerar a opinião do leitor sobre quais assuntos lhe interessam, sem classificá-los como bons ou ruins, para que seja possível ampliar suas informações sobre esses assuntos.

A curadoria (seleção) é necessária também por levar em conta o que se refere ao espaço físico da biblioteca e considerar as fontes de pesquisa para seleção de acervos. Elas são importantes ferramentas na busca por uma coleção mais diversa possível, levando-se em conta que a crítica especializada é em grande parte responsável pelo que circula no mercado editorial.

Odilon Moraes, buscando exemplificar a importância das críticas especializadas durante uma aula deste curso de pós-graduação, relatou que em 1969 Carlos Drummond de Andrade escreveu uma crônica sobre o livro *Flicts*, de Ziraldo, em um jornal de grande circulação, elevando-o a um patamar que já era ocupado pelos autores italianos e a outros que já faziam livros muito próximos ao *Flicts*, porém não tinham divulgação no Brasil. A pessoa certa, no veículo certo (sem desconsiderar aqui a qualidade inegável do livro) fez com que o livro chegasse a muitos leitores.

O mercado é um ciclo fechado e não uma espiral. Os autores publicados, citados, premiados e, conseqüentemente, comprados, se repetem. O escritor Carlos Henrique Schroeder, em um curso destinado aos bibliotecários dos SESC's de todo o país levantou a importância de se quebrar este ciclo vicioso do mercado editorial. Isto não significaria excluí-

los das compras, pois a qualidade é inegável, porém, buscar por variações. Possibilitar a variedade, pois somos a soma de nossas experiências, e lemos o que temos à mão. O local ideal para esta mudança seria a biblioteca. E o acervo seria onde avistaríamos os primeiros sinais dessa mudança.

### **3.1 Tiro ao alvo: relato de experiência de Madalice Alves Jorge**

Nos locais onde trabalhei com seleção de acervos possuíamos pouca ou quase nenhuma informação sobre o público para o qual destinávamos as compras. As informações costumavam ser genéricas e baseadas nos usuários frequentes da biblioteca, o que tornava a seleção superficial. Havia uma torcida constante para que os títulos escolhidos acertassem algum leitor, sendo o alvo muito pequeno em uma área enorme de atuação. Como selecionar para algo superficialmente conhecido?

Na Prefeitura de São Paulo comecei por conhecer os trâmites (e às vezes bloqueios) administrativos. A questão orçamentária e as exigências administrativas eram fatores chave para a seleção. Era necessário que existisse dinheiro disponível e ele era dividido para compor o acervo de todo o Sistema Municipal de Bibliotecas que correspondiam a 54 bibliotecas, 18 pontos de leitura, os Ônibus Biblioteca e mais alguns Bosques de Leitura. A verba disponível precisava atender a todos eles. Junto a isto, as editoras, por lei, precisavam de uma série de documentos comprobatórios para que a efetivação da aquisição fosse possível.

Como saber se o que eu escolhia era o que realmente atingiria o público? Fazer seleção para uma cidade tão plural como São Paulo, com muitas limitações de orçamento e de processos administrativos complexos causava grande angústia. Ainda assim, foi possível aprender muito com os colegas que já realizavam este trabalho nos três anos que executei essa função, aprendendo como driblar estas dificuldades, apesar das ações acontecerem às cegas no que se referiam ao público, com muitas tentativas e erros. Nesta situação a importância da pesquisa nas mais diversas fontes foi imprescindível, já que conhecer o máximo possível de publicações garantia uma maior variedade de títulos que poderiam ser oferecidos às bibliotecas da cidade.

A compra centralizada dos títulos por um lado garantia bons preços, porém de outro lado limitava o atendimento às demandas locais das bibliotecas.

O trabalho de achar o livro que deveria complementar os acervos era diário e exigia grande atualização e gestão dos gastos. Os trâmites impediam a aquisição de editoras que não

estivessem de acordo com as condições legais para realização de compras, o que tornavam os acervos reflexos quase que unicamente de livros comercialmente difundidos ou vendidos por grandes grupos editoriais.

Trabalhando no SESC, com maior autonomia de escolha e com melhor infraestrutura – acervo em construção e verba mensal para compras, por exemplo – a atividade de aquisição parecia enfrentar menos dificuldades. Porém, o tempo acelerado de finalização das atividades e trabalhos paralelos minavam os momentos de reflexão e avaliação das ações para a seleção do acervo. Sobravam os retornos dos usuários mais frequentes que ajudavam a dar o tom do acervo em detrimento das cobranças e especificidades da instituição. A minha falta de experiência e de conhecimento ainda me incomodavam, além da pressão pela responsabilidade de indicar o ‘ideal’. Além disso, com acesso a verba surge a necessidade de administrar a coleção para atender a todas as demandas: as dos usuários, as da instituição e àquelas que não se explicitavam claramente. O jogo de tentativa e erro continuava.

Estes dois momentos se mostraram importantes para reconhecer que o que eu não sabia, que o que me provocava dúvidas (e às vezes ainda provoca) não eram limitadores, mas sim caminhos para levantar questionamentos e possibilitar melhor entendimento dos processos para tomadas de decisões mais próximas da realidade do público.

#### **4. Garantindo possibilidades: políticas públicas**

Em 2017 Cristian Brayner compartilhou em sua rede social o vídeo no qual expõe, em uma das audiências da Comissão de Educação do Senado, o que para ele significa pensar a aquisição governamental de livros. Em sua opinião, a visão superficial da biblioteca como conjunto de livros é um entendimento parcial da sua potência. Esta fala é de extrema importância, pois coloca em evidência que só acervo não define biblioteca. Porém, quando pensamos na seleção de livros para um acervo em particular, como algo para além da simples disponibilização de livros, que está em consonância com o ‘organismo’ biblioteca e o que ela engloba – atendimento, ação cultural, espaço físico, acesso, usuários – é possível vislumbrar a necessidade de se ater ao ato da seleção. E ele ainda completa que em nenhum país do mundo, distribuição massiva de livros representou democratização da leitura.

A formação de acervos depende diretamente da existência mercadológica de livros. No contexto atual do mercado, os programas governamentais são os grandes fomentadores da diversidade editorial (seja dos grandes grupos, seja das editoras pequenas ou independentes),

mas definir políticas para produção de livros é diferente de fomentar as bibliotecas, especialmente na questão da seleção de títulos.

Depender apenas do governo para subsidiar o mercado editorial talvez não seja o melhor cenário, porém o governo possui uma dívida educacional e cultural para quitar com a sociedade, uma vez que as pautas educacionais e culturais são em grande parte relegadas e conseqüentemente corroboram para uma sociedade não alfabetizada (para falar o mínimo), sem acesso à educação de qualidade. Sujeitar este de mercado apenas pelos valores mercadológicos que, de modo geral refletem superficialmente os desejos da sociedade, pode estimular um mercado sem pluralidade de materiais circulando e conseqüentemente, isso ocorrerá também nos acervos. O novo plano de compra de livros governamentais e o prêmio Jabuti podem ilustrar o quanto a falta de políticas públicas afeta negativamente a produção editorial.

O Prêmio Jabuti, apesar de não governamental, é uma das mais importantes vias de divulgação da produção contemporânea. Na premiação de 2018 ocorreu a fusão das categorias infantil e juvenil e a transferência da categoria ilustração para livro para a de categoria técnica que abrange ainda projeto gráfico, impressão e capa, trazendo generalização e ignorando as especificidades da produção literária de crianças e jovens, que já é um mercado estabelecido, deixando um alerta sobre quem atualmente tem ditado o que entende-se como bom e digno de premiação. Essa alteração causou indignação entre os autores e ilustradores de livros infantis e juvenis pois acreditam que a ilustração deixa de ser reconhecida como narrativa independente da escrita, desvalorizando o livro para a infância

Recentemente o Governo federal, após longo período sem comprar livros, lançou um novo edital. Além das exigências passíveis de contestação (qualidade física do livro, por exemplo), as regras para participação praticamente excluía as pequenas editoras de concorrer. Em carta ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) a Liga Brasileira de Editoras (Livre) pontua alguns pontos que vão diretamente impactar na participação das editoras menores como: a inexistência de controle da quantidade de CNPJ de uma mesma editora que poderão se inscrever; a exigência de um formato pré-definido de impressão dos livros ganhadores (tamanho da publicação e qualidade do papel), quesito difícil de ser atendido por editoras menores. Em linhas gerais o novo edital ignora definições que já haviam sido alinhadas em razão de editais anteriores e coloca em cheque a cadeia de produção de livros.

As políticas públicas são a oportunidade de permanência de bibliotecas, das publicações plurais, das compras contínuas, enfim, de tudo que o mercado não pode garantir e nem deveria ser responsável por garantir.

### **Considerações finais**

Ao finalizarmos essa etapa da nossa vida, nos debruçamos para olhar com gentileza para nossa profissão e para uma das áreas de atuação: as bibliotecas públicas ou bibliotecas privadas de uso público. Em todas as nossas conversas, entre nós ou com outros profissionais, ao lançarmos olhar para a bibliografia sobre os temas das bibliotecas, dos livros e das leituras, temos cada vez mais certeza de que somente a formação de políticas públicas podem garantir a existência de boas bibliotecas. Para nós, para uma biblioteca ser considerada como boa, precisa oferecer para o público um acervo diversificado, com profissionais qualificados e que tenham um olhar para a mediação

Garantir a existência das bibliotecas significa dar amplo acesso a uma seleção de livros que se preocupa em apresentar para seus leitores narrativas estimulantes, livros com projetos gráficos desafiadores, que trabalhem a narrativa visual e textual com o mesmo peso e a busca por autores que não estão no circuito comercial. Ou seja, ter uma oferta diversa para que o público consiga desenvolver seus gostos literários e esteja exposto à diversidade cultural de modos de ver, sentir, pensar, representar e representar-se.

Terminamos esse trabalho com poucas certezas e muitas dúvidas. As principais delas são: Qual é a função da biblioteca atualmente? Como dissemos, entendemos que seja um espaço de criar laços com o livro e literatura, um local de busca de informações de uma forma geral, mas isso pode ser feito em tantos outros locais que não apenas na biblioteca. O que torna esse espaço tão fundamental para nossa sociedade? O que o torna diferente? Talvez não consigamos responder isso neste pequeno ensaio. Mas como bibliotecárias e leitoras, ainda acreditamos na importância da sua permanência.

## REFERÊNCIAS

- BATTLES, Mathew (2003) **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- BOJUNGA, Lygia (2003) **A Bolsa Amarela**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- BRAYNER, Christian (2017) [Consult. 2018-06-24]. Vídeo. Disponível em: <[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=359096527868432&id=100013042627060](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=359096527868432&id=100013042627060)>.
- CARTA ao FNDE**. [Consult. 2018-06-25]. Texto. Disponível: <http://libre.org.br/carta-ao-fnde/>
- CASTRILLÓN, Silvia (2011) **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato.
- CINCO leis de Ranganathan**. Portal do bibliotecário. [Consult. 2018-06-18]. Texto. Disponível em <<http://portaldobibliotecario.com/biblioteconomia/as-5-leis-de-ranganathan/>>.
- COLASANTI, Marina (2012) **Como se fizesse um cavalo**. São Paulo: Pulo do Gato.
- ECO, Umberto (2016) **O nome da rosa**. São Paulo: Editora Record.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2014) Velhos problemas? Público, acervos, leituras e bibliotecários em cenas da história da biblioteca pública. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p. 221-226, out.-dez.
- MANGUEL, Alberto (2017) **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. São Paulo: Edições Sesc.
- NOBREGA, Maria José (2017). **Censura e crítica no livro para a infância**. [Consult. 2018.04.24]. Vídeo. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=GexLBE4f\\_FA&t=189s](https://www.youtube.com/watch?v=GexLBE4f_FA&t=189s)>.
- PATTE, Genevieve (2012) **Deixem que leiam**. São Paulo: Rocco.
- PETIT, Michelle (2013) **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34.
- PETIT, Michele (2009). **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34.
- SCHROEDER, Carlos Henrique (2018). Encontro técnico de bibliotecários do Serviço Social do Comércio. Departamento Nacional.
- SILVA, Beto (2017). [Consult. 2018-06-24]. Texto. Disponível em: <<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=1708393635879012&id=100001251757130&set=a.435048823213506.122735.100001251757130>>.
- SINTONI, Claudia (2017) Páginas de afeto. In: **Revista Quatro Cinco Um**. Ano 1, n.6, p.19, out.
- SISTEMA Municipal de Bibliotecas. **História da Biblioteca Roberto Santos**. [Consult. 2018-06-20]. Disponível em:<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas\\_bairro/bibliotecas\\_m\\_z/robertosantos/index.php?p=3888](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_m_z/robertosantos/index.php?p=3888)>.

VERGUEIRO, Waldomiro (2010). **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. 3 ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros.

WEITZEL, Simone da Rocha (2012). Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, vol. 24, n. 3, p.179-190, set.-dez.